

# Mídia e movimentos sociais: a *satanização* do MST na *Folha de S. Paulo*

Ayoub Hannah Ayoub

## Resumo

Este trabalho investiga o tratamento dispensado pela *Folha de S. Paulo* na cobertura das ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Os textos levantados são de primeira página em edições ao longo do ano 2000. Como fundamentação teórico-metodológica, o estudo adota uma combinação entre Análise do Discurso e Análise de Conteúdo, utilizadas de modo complementar. Os elementos de análise são mostrados numa tabela por meio de um conjunto de vetores que classificam os conteúdos levantados. Conclui-se que o conteúdo dessas matérias constitui um ataque ao MST, fere o Código de Ética dos Jornalistas e desrespeita o direito constitucional à informação. As análises dos textos publicados na *Folha de S. Paulo* evidenciam uma postura contrária ao Movimento dos Sem-Terra e torna clara a absorção, pela imprensa, do mesmo discurso da classe dominante no Brasil.

## Palavras-chave:

Folha de S. Paulo, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Ética dos jornalistas, Direito à informação, Manipulação

## Abstract

The present paper investigates the MST (Brazilian Landless Movement) news coverage made by *Folha de S. Paulo* newspaper. The studied articles were printed in *Folha's* front page along the year 2000. The author combines theoretical and methodological discourse analysis and content analysis. The analysis elements are shown in a table. The conclusion is that those articles' content constitute an attack to MST, they disrespect the Journalistic Ethic Code and the Constitutional right to information. The articles published by *Folha de S. Paulo* show a position against MST and make it clear that, in Brazil, the press absorbs the same discourse as the dominant class.

## Key words:

Journalists ethic, Right to information, Manipulation, Newspaper *Folha de S. Paulo*, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) / Brazilian Landless Movement

**Num primeiro plano, as classes politicamente dominadas tenderão, cada vez mais, a desmistificar o jornalismo e a imprensa. (...) Passarão a intensificar sua postura crítica, sua análise de conteúdo e forma, diante dos órgãos de comunicação.**

**Por meio de seus setores mais organizados, as classes dominadas contestarão as informações jornalísticas, farão a comparação militante entre o real acontecido e o irrereal comunicado, farão a denúncia sistemática da manipulação e da distorção. (ABRAMO, 2003: 49)**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), é o movimento social organizado que tem sistematicamente confrontado a ordem estabelecida desde o final do regime militar, na década de 80. Um dos reflexos disso é o confronto, entre os meios de comunicação de massa e o MST, que aparece cotidianamente nos jornais, revistas e meios eletrônicos em reportagens, material editorial ou de opinião.

Exemplo desse confronto é a série de reportagens<sup>1</sup> publicadas em maio de 2000, pela *Folha de S. Paulo*, com “denúncias” contra o Movimento dos Sem Terra. Isso provocou reações indignadas em todo o país, como o veemente protesto da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que publicou nota, em 10 de novembro de 2000, com o título: “FENAJ protesta contra satanização do MST pela Mídia”<sup>2</sup>.

[...] protestar contra a campanha, orquestrada pelo governo federal, de *satanização* [grifo nosso] do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — MST (...)

[...] É lamentável que a direção de jornalismo da *Folha de S. Paulo* e o jornalista Josias de Souza descumpram o próprio código de conduta da empresa, que sempre pregou sua ‘independência’, (...) a *Folha de S. Paulo* compromete a ética da imprensa e de toda uma categoria que luta para exercer, com dignidade, a profissão.

Como principal hipótese deste trabalho, pretendemos verificar a existência de um processo de *satanização* do MST pela imprensa brasileira. Para isso, tomamos a decisão de fazer um recorte para um estudo de caso: analisar a linha editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, no ano de 2000, por meio do estudo das primeiras páginas (as capas) e o seu conteúdo.

### **Manipulação e poder**

Muito além do fator de classe, os proprietários dos meios de comunicação querem e exigem participação no poder. Assim, interferem não apenas no embate ideológico, mas também na disputa política e no processo eleitoral. Kucinski<sup>3</sup> demonstrou como se dá esse processo. Os meios de comunicação de massa conseguem ter uma forte influência e poder de manipulação graças ao alto grau de analfabetismo e ao baixo poder aquisitivo da maioria da população. Para essas pessoas, a percepção da sociedade é a recebida principalmente do rádio e da televisão, mais do que de jornais e revistas.

[...] A TV é hegemônica na formatação do espaço público e dominada por uma empresa com forte vocação monopolística. (...) no Brasil, uma rede apenas, sob o comando da TV Globo, domina a audiência e promove os candidatos de preferência das elites (...) (KUCINSKI, 1998, p. 16-17)

<sup>1</sup> Nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2000, a *Folha de S. Paulo* publicou artigos e reportagens sobre um suposto pedágio cobrado pelo MST de assentados ligados ao movimento. Os textos referentes a esse episódio provocaram várias manifestações de protesto contra o jornal. Selecionamos somente os textos publicados na primeira página da *Folha de S. Paulo* (nos três dias), conforme o recorte de nossa pesquisa. A íntegra dos textos pode ser encontrada em Ayoub, 2006 (Anexos).

<sup>2</sup> FENAJ — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Fenaj Protesta Contra Satanização do MST pela Mídia. Cadernos do CEAS, n° 191, p. 91-92. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jan./fev. 2001.*

<sup>3</sup> KUCINSKI, Bernardo: *Jornalista e professor, autor de vários livros. Sua obra, aqui citada, é fundamental para se entender a imprensa brasileira, principalmente a análise sobre a manipulação da mídia nas eleições presidenciais de 1989, 1994 e 1998.*

Nossa pesquisa está definida pelo seguinte roteiro: em primeiro lugar, a seleção do jornal, a *Folha de S. Paulo*, por ser representativo da grande imprensa, ser tradicional e ter abrangência nacional. Essa representatividade nos permite fazer este recorte para entender o papel da grande imprensa — unificada do ponto de vista ideológico.

[...] A estrutura da propriedade das empresas jornalísticas no Brasil reproduz com grande fidelidade a configuração oligárquica da propriedade da terra; na gestão dos jornais predominam as práticas hedonísticas e de favoritismo típicas da cultura de mando da grande propriedade rural familiar.

(...) no Brasil os jornais, propriedade dessa oligarquia, compartilham uma ideologia comum, variando apenas em detalhes não significativos. (KUCINSKI, 1998: 16)

Em segundo lugar, selecionamos um ano (2000). A referência é a publicação da nota de protesto da Fenaj em relação ao tratamento da *Folha de S. Paulo* ao MST. E o ano de 2000 marcou a última eleição (prefeitos e vereadores) da era FHC. Assim como o governo da época considerava importante uma vitória, o processo também serviria de “termômetro” para 2002. É também o ano eleitoral posterior às eleições de 1998 para presidente, quando o projeto das elites para a reeleição de Fernando Henrique Cardoso tomou conta dos veículos de comunicação, como demonstrou Kucinski:

[...] A mídia e os institutos de pesquisa haviam decretado a reeleição de Fernando Henrique e a derrota de Lula antes mesmo do início da campanha. (...) A estratégia foi assumida como necessária pela mídia em reuniões realizadas

em maio em Brasília (...) uma pressão sobre a mídia que só teria acontecido na democracia americana ou britânica num caso extremo de guerra externa (...) (1998: 131)

Em terceiro lugar, decidimos concentrar a pesquisa na primeira página do jornal. É na capa que o jornal apresenta — na visão de seu editor — o que considera os assuntos mais importantes do dia. A primeira página também define uma escala de importância (uma espécie de hierarquia) entre os assuntos.

[...] No caso do MST, a manchete e o título constituem, para muitos leitores, a única informação, pois, conflitos em torno da posse da terra, não dizem respeito, diretamente, a quem não é proprietário de terra; não emocionam como uma desgraça; não mobilizam como uma tragédia (...). O recorte das notícias — rotina e exceção — justifica-se porque a invasão é o primeiro item no critério sobre a noticiabilidade do MST. [KUSCHICK, 1996, Terceiro Capítulo (3.2)]

Aplicamos, em seguida, uma busca nos arquivos da *Folha de S. Paulo* por citações ao MST e à Reforma Agrária. Utilizamos os arquivos eletrônicos do jornal<sup>4</sup>, disponíveis (para assinantes) no sítio do UOL (Universo Online) na internet. Devido ao grande número de textos encontrados, restringimos a busca à primeira página (capa do jornal). Encontramos 107 (cento e sete) textos para serem analisados.

### **Instrumento de dominação**

O caráter ideológico está presente na natureza de todo sistema de comunicação e, por consequência, na linguagem. Há uma perfeita sintonia entre o mundo dos signos e o das

<sup>4</sup> Arquivos da *Folha de S. Paulo*: disponível (para assinantes) em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/arquivos/>  
Acessado de 3 a 6 de janeiro de 2006.

e a consolidação das formas de poder pela linguagem. Como a ideologia é instrumento de dominação, o uso do signo pode ser considerado como parte desse processo. Mesmo estando inserido na realidade, o signo passa a refletir e refratar uma outra realidade, exatamente aquela que a ideologia da classe dominante quer fazer acreditar como o “verdadeiro” real. Por isso a constatação de que um mesmo signo pode ter significados diferentes para sujeitos em diferentes situações histórica e social.

[...] Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico (...) O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. (BAKHTIN, 1986, p. 32)

O aspecto semiótico e também o papel desempenhado pela comunicação social (o fator condicionante) podem ser encontrados de forma clara na linguagem. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Bakhtin afirma que “a palavra é o modo mais puro e sensível da comunicação semiótica”. Por isso, a palavra deve ser colocada em primeiro plano no estudo das ideologias.

[...] O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 1986: 37)

Assim, decidimos seguir o roteiro de Albert Kientz na Análise de Conteúdo (1973: 155-177). Com esse método é possível obter

## **Por isso a constatação de que um mesmo signo pode ter significados diferentes para sujeitos em diferentes situações histórica e social**

rigor e objetividade na pesquisa, respeitando os preceitos de “ser objetivo, ser sistemático, abordar apenas o conteúdo manifesto e quantificar”. Já delimitamos nossos objetivos ao definir o tema a ser pesquisado, o jornal e o período de tempo; além da delimitação ao conteúdo das capas do jornal.

[...] Não basta saber qual o tipo de material que se deseja analisar, a imprensa, por exemplo; também é preciso definir com precisão o que se visa através dessa análise: estabelecer a estrutura do jornal, revelar suas tendências, sua ideologia (...). Quanto maior for a precisão com que se definam os objetivos da pesquisa, mais a análise de conteúdo poderá ser um instrumento eficaz. (KIENTZ, 1973: 161)

Optamos pela Análise do Discurso para obter mais um recurso que complemente a análise de conteúdo. Utilizando a AD podemos seguir o caminho das duas análises serem complementares (nunca contraditórias): uma combinação que permite um resultado mais aprimorado.

Eni Puccinelli Orlandi aponta proposições teóricas importantes para o entendimento da mídia, como a distinção entre a chamada memória histórica e a memória metálica. A produção de um texto recebe uma carga ideológica, porém com diferenças acentuadas quando se utiliza um computador. A informatização trouxe a possibilidade de uso de uma grande quantidade de informações e, como consequência, um efeito de onipotência do autor. É a chamada memória metálica (formal).

[...] tanto a informatização como a mídia produzem realmente a multiplicação (diversificação) dos meios, mas, ao mesmo tempo,

homogeneizam os efeitos. (...) Não esqueçamos que a mídia é um lugar de interpretação e que funciona pelo “ibope”, que se rege pelo predomínio da audiência. (ORLANDI, 1996: 16)

Esses são conceitos importantes para um entendimento de como se dá a produção na mídia, como a ideologia se encarrega de constituir um discurso “unificado” e como isso tudo se reflete nas informações divulgadas. Existe uma espécie de “lugar comum”, onde a mídia, as classes dominantes e o Estado aparentam uma unicidade de propósitos.

[...] Há, atualmente, um silenciamento do discurso político, que desliza para o discurso empresarial, neoliberal, em que tudo é igual a tudo (o político, o empresarial, o jurídico, etc.) Nesse sentido, se se pode dizer que a mídia é lugar de interpretação, ela rege a interpretação para imobilizá-la. (ORLANDI, 1996: 16)

Além disso, o uso de determinadas palavras ou expressões específicas tem um forte significado. Chamar a ação dos sem-terra de invasão quando poderia (deveria) ser usada a palavra ocupação, por exemplo. A opção não acontece por acaso e se explica pela proposição de sentido nela embutida. Em estudo sobre a retórica da manipulação, Baccega e Citelli mostram que:

[...] Efetivamente, os lexemas invadir e ocupar promovem conotações completamente diferentes sobre o sentido da ação dos Sem-Terra. Invadir carrega semas como “tomar aquilo que não nos pertence”; já o lexema ocupar nos indica semas como “estar em lugar devoluto”. (1989: 25)

**Existe uma espécie de “lugar comum”, onde a mídia, as classes dominantes e o Estado aparentam uma unicidade de propósitos**

A questão da retórica adquire importância maior quando é analisada como essencial em processos de manipulação/conscientização. Há uma série de mecanismos que permite convencimento e persuasão, dando veracidade a determinada mensagem apresentada.

Como afirmam Baccega e Citelli (1989: 24), “quanto maior o grau de adensamento ideológico, mais articulados os recursos retóricos”. O uso da expressão invadir, em vez de ocupação, tem conotação ideológica. É a presença do Estado, que usa o Direito e as leis, para “mostrar” o ato como sendo ilegal, portanto passível de punição. Quando um jornalista reproduz os termos do Estado e não os do movimento social, está caracterizado que ele também recebeu, em sua formação, a carga ideológica das classes dominantes.

### **Revelação de tendências**

Criamos uma tabela com blocos (colunas) que são cruzados, para efeito da análise, com vetores que formam linhas. Cada um dos blocos é analisado pelos vetores, produzindo um cruzamento amplo de informações (ver Tabela 1).

Em primeiro lugar, definimos quatro blocos (colunas) assim divididos:

- a. B.1 — Reforma agrária,
- b. B.2 — Organização do movimento,
- c. B.3 — Estratégias e táticas do movimento,
- d. B.4 — Presença do Estado.

Em seguida, definimos quatro vetores (formando as linhas) com a palavra, ou a opinião de cada setor:

- a. V.1 — Dizeres do movimento,
- b. V.2 — Dizeres do jornal (PRÓ):

Quando se aproximam dos dizeres do movimento (mesmo sem coincidir diretamente);

c. V.3 — Dizeres do jornal (CONTRA):

Quando se distanciam dos dizeres do movimento (mesmo sem se opor diretamente);

d. V.4 — Dizeres dos grandes proprietários.

**Tabela 1**

|     |                                      | B.1             | B.2                      | B.3                                | B.4                |
|-----|--------------------------------------|-----------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------|
|     | <div>BLOCOS</div> <div>VETORES</div> | Reforma agrária | Organização do movimento | Estratégias e táticas do movimento | Presença do Estado |
| V.1 | Dizeres do movimento                 |                 |                          |                                    |                    |
| V.2 | Dizeres do jornal PRÓ                |                 |                          |                                    |                    |
| V.3 | Dizeres do jornal CONTRA             |                 |                          |                                    |                    |
| V.4 | Dizeres dos grandes proprietários    |                 |                          |                                    |                    |

### Conjuntura

A Tabela 1 foi aplicada a cada um dos 107 textos selecionados e sistematizada num único quadro. No levantamento do número de textos encontrados a cada mês há uma variação importante. (ver Tabela 2)

Janeiro e junho (com apenas um texto) e fevereiro, agosto e dezembro (com dois textos cada) foram os meses que apresentaram uma frequência menor. Temos, em seguida, os meses de outubro e novembro onde há, respectivamente, quatro e sete textos.

O mês de março não aparece em nossa pesquisa. Isso não quer dizer que o MST não tivesse sido notícia naquele mês. Significa, apenas, que não há referência ao Movimento (e também à Reforma Agrária) na primeira página da *Folha de S. Paulo* em março.

A tabela mostra, também, uma diferença no número de referências a cada mês. A maior concentração aparece nos meses de abril, maio, julho e setembro. Nos quatro meses juntos aparecem 88 textos, ou seja,

82,24%. Mais de oitenta e dois por cento do total de textos desta análise estão concentrados em apenas quatro meses do ano.

Maio apresenta o maior número: são 33 textos, ou mais de um texto por dia, em média (30,84% do total). Detalhe: maio também é o mês onde aparecem as questioná-

veis denúncias da Folha de S. Paulo contra o MST, motivo de tantos protestos.

Em segundo lugar aparece setembro, com 27 textos. Quase um texto por dia, em média (25,23%) no total. Abril apresenta 17 referências (15,89%), e julho aparece com onze textos (10,29%) no total.

Tabela 2 - Textos: total por mês

|    |           | 1            | 2            |
|----|-----------|--------------|--------------|
|    | MESES     | TEXTOS       | TOTAL DO MÊS |
| 1  | JANEIRO   | nº 1         | 1            |
| 2  | FEVEREIRO | nº 2 e 3     | 2            |
| 3  | MARÇO     | nenhum       | nenhum       |
| 4  | ABRIL     | nº 4 a 20    | 17           |
| 5  | MAIO      | nº 21 a 53   | 33           |
| 6  | JUNHO     | nº 54        | 1            |
| 7  | JULHO     | nº 55 a 65   | 11           |
| 8  | AGOSTO    | nº 66 e 67   | 2            |
| 9  | SETEMBRO  | nº 68 a 94   | 27           |
| 10 | OUTUBRO   | nº 95 a 98   | 4            |
| 11 | NOVEMBRO  | nº 99 a 105  | 7            |
| 12 | DEZEMBRO  | nº 106 e 107 | 2            |
|    |           | Total do ano | 107          |

A primeira conclusão é que há ligação com o processo eleitoral<sup>5</sup>. Os meses que apresentem mais referências são os considerados cruciais para o ano eleitoral. Abril e maio é a época de definição de candidaturas.

Por outro lado, julho é o mês imediatamente após as convenções<sup>6</sup> partidárias. No mês de junho que são realizadas as convenções que oficializam as candidaturas. Mas é em julho, após as convenções, que os candidatos podem se apresentar oficialmente.

O componente ideológico está presente na tentativa do jornal de interferir no processo eleitoral. A mídia sempre apresentou o MST como tendo ligações com a chamada esquerda brasileira. Ao dar ênfase às ações do MST nos meses com importância eleitoral, a Folha pretende reforçar o imaginário popular repleto de medos e preconceitos.

Nessa mesma linha de raciocínio, o mês de setembro é a reta final, o momento de decisão de grande parte dos eleitores. Com a aproximação do final do mês (e o dia da eleição, 1º de outubro de 2000), a tendência é haver uma diminuição no número de eleitores indecisos. No caso de prefeitos, havia municípios com a possibilidade de ter segundo turno<sup>7</sup>. Mesmo nessas cidades acontece — no mesmo dia — a definição dos dois candidatos que disputam o segundo turno.

No mês de outubro, por consequência, a questão eleitoral ficou restrita a alguns municípios onde houve disputa no segundo turno — 31 cidades, em todo o país. Ao todo, essas cidades somavam 26,04 milhões de eleitores. Esse número representava 23,71% dos aproximadamente 109 milhões de eleitores brasileiros aptos a votar na ocasião.

São Paulo era uma das capitais com segundo turno naquele ano. A disputa ficou entre Marta Suplicy, a candidata do Parti-

do dos Trabalhadores, e o engenheiro Paulo Maluf, do Partido Progressista Brasileiro. No segundo turno, Marta venceu a eleição com significativo apoio de muitos candidatos e partidos derrotados no primeiro turno, inclusive o PSDB do então Governador Mário Covas e também do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Isso tem reflexos no comportamento da grande imprensa. Um dos sintomas é que, em outubro, há uma diminuição no número de referências ao MST na primeira página da *Folha de S. Paulo*. São apenas quatro durante todo o mês. A pesquisa, por outro lado, verifica quando as ações do MST o colocam como assunto que o jornal considere importante: o mês de abril, por exemplo.

Foi no ano de 2000 que aconteceram celebrações para lembrar os 500 anos da chegada dos portugueses ao nosso país. As chamadas comemorações oficiais do Governo Federal (da época) — “500 anos do Descobrimento” — culminaram em cerimônias na Bahia, exatamente em abril.

Os Movimentos Sociais reagiram à comemoração oficial com protestos durante o período que antecedeu o dia 22. O MST organizou várias manifestações, algumas específicas sobre a Reforma Agrária. O conflito entre manifestantes e autoridades foi inevitável, agravado por medidas repressivas por parte do então Governo da Bahia. A mídia fez sua parte, fortalecendo o discurso governamental, e reproduzindo as tentativas de intimidação.

Na mesma linha, o mês de maio — com o maior número de referências — representa a reação oficial (por meio da imprensa) aos fatos de abril. É a resposta do governo (e das elites) aos movimentos organizados no mês anterior. Reforça esta tese o fato de ter sido

<sup>5</sup> No ano de 2000 aconteceram eleições municipais no Brasil, ou seja, eleição para prefeitos e vereadores.

<sup>6</sup> O último dia para realização de convenções municipais para escolha dos candidatos a prefeito e vereador e definição de coligações foi 30 de junho de 2000.

<sup>7</sup> Nos municípios com mais de 200 mil eleitores pode haver um segundo turno, caso nenhum dos candidatos obtenha mais de 50% dos votos. Em 2000 o segundo turno foi em 29 de outubro.

nesse mês que a *Folha de S. Paulo* publicou reportagens com “denúncias” de que o MST estaria “cobrando pedágio de assentados para a liberação de verbas de financiamento”.

Como consequência, houve uma ação judicial denunciando a *Folha de S. Paulo* e o INCRA pelo uso do carro oficial, entre outras coisas. Isso ocorreu em novembro — e o jornal noticiou o fato<sup>8</sup>. Logo após, é publicada outra reportagem<sup>11</sup> contrária ao MST. Essa matéria, com informações verídicas, fazia um levantamento sobre o número de ações judiciais e processos decorrentes de atividades do Movimento (por fatos considerados transgressões à Lei).

Isso aconteceu em novembro, mês com várias referências (sete) na pesquisa. É o único mês do ano com um número significativo de textos em nossa tabela sem ligação direta com o processo eleitoral. Nas eleições, as últimas definições (segundo turno para prefeito) aconteceram em 29 de outubro.

É preciso ter cuidado na análise daquela reportagem com o levantamento das ações na Justiça. É uma reportagem que não pode ser chamada de mentirosa, ou mesmo de ter informações não comprovadas. Todavia, trata-se de um assunto que poderia ter aparecido no jornal em outro momento. A publicação da matéria naquela oportunidade demonstra que o jornal estava promovendo uma espécie de retaliação pelo fato de a *Folha de S. Paulo* ter sido processada.

### Análise de conteúdo

Com a aplicação da Tabela 1 a cada um dos 107 textos, foi feita a sistematização dos dados produzindo como resultado o quadro expresso na Tabela 3 — Totalização. O quadro constante da Tabela 4 — Totalização:

porcentagem é o resultado da comparação dos dados da Tabela 3 em relação ao universo de 107 textos (100%).

Na Tabela 3 temos o quadro com a visão geral do resultado obtido após somar os dados referentes a cada texto. A partir daí temos, numa primeira leitura, a constatação que não há algumas referências: os Dizeres dos grandes proprietários sobre a Reforma Agrária (V.4/B.1) e sobre a Organização do Movimento (V.4/B.2). Isoladamente, os dados não são relevantes. Pode não ter havido uma declaração nesse sentido, ou o jornal pode não ter considerado importante para estar na capa.

Todavia, ao comparar os outros dados dos Dizeres dos grandes proprietários, tanto sobre as Estratégias e táticas do Movimento (V.4/B.3) — com quatro inserções, ou seja, 3,74% — como sobre a Presença do Estado (V.4/B.4) — apenas duas inserções, ou 1,87% —, chegamos à conclusão de que há uma presença pouco importante da voz dos grandes proprietários rurais.

Qual o significado destes números? É preciso verificar a combinação com os dados do Vetor onde estão os Dizeres do jornal contra o movimento. Na intersecção com o Bloco Reforma Agrária (V.3/B.1), temos sete referências (6,54%); com Organização do Movimento (V.3/B.2), são doze (11,22%); com Estratégias e táticas do Movimento (V.3/B.3), aparecem 66 (61,68%); e com Presença do Estado (V.3/B.4), encontramos 76, ou seja, 71,03% — com um detalhe: este é o maior de todos os índices da tabela.

Este é o elemento central quando se verifica a combinação dos diferentes dados obtidos. O alto índice de referências quando aparecem os Dizeres do jornal contra o movimento, combinado com os dados

<sup>8</sup> No dia 10 de novembro de 2000, a *Folha de S. Paulo* publicou reportagem sobre as denúncias contra o INCRA por um suposto desvio de verbas pela utilização de veículo oficial na reportagem (denúncia) de maio. A íntegra do texto pode ser encontrada em Ayoub, 2006 (Anexos).

<sup>9</sup> No dia 11 de novembro de 2000, a *Folha de S. Paulo* publicou uma reportagem sobre os processos na justiça a respeito do “pedágio” cobrado pelo MST (no jargão jornalístico, uma matéria “requentada”), e um editorial: “A farsa do MST”. A íntegra dos textos pode ser encontrada em Ayoub, 2006 (Anexos).

(baixos índices) dos Dizeres dos grandes proprietários aponta para uma conclusão: o jornal *Folha de S. Paulo*, neste caso, assume — e até substitui — a posição e o discurso (que deveria ser) dos grandes proprietários rurais e de suas lideranças e entidades representativas.

O significado disso é a presença da ide-

ologia. A voz dos grandes proprietários de terras é a mesma voz do próprio jornal. A *Folha de S. Paulo* cumpre seu papel de ser instrumento de dominação — tanto por seu comprometimento ideológico, como por ser propriedade de representantes das classes dominantes.

**Tabela 3 - Totalização**

|     |                                      | B.1                | B.2                         | B.3                                      | B.4                   |
|-----|--------------------------------------|--------------------|-----------------------------|------------------------------------------|-----------------------|
|     | <div>BLOCOS</div> <div>VETORES</div> | Reforma<br>agrária | Organização<br>do movimento | Estratégias<br>e táticas do<br>movimento | Presença do<br>Estado |
| V.1 | Dizeres do<br>movimento              | 6                  | 6                           | 32                                       | 36                    |
| V.2 | Dizeres do jornal<br>PRÓ             | 10                 | 7                           | 51                                       | 46                    |
| V.3 | Dizeres do jornal<br>CONTRA          | 7                  | 12                          | 66                                       | 76                    |
| V.4 | Dizeres dos grandes<br>proprietários | 0                  | 0                           | 4                                        | 2                     |

**Tabela 4 - Totalização: porcentagem**

|     |                                                   | B.1             | B.2                      | B.3                                | B.4                |
|-----|---------------------------------------------------|-----------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------|
|     | <div> <div>BLOCOS</div> <div>VETORES</div> </div> | Reforma agrária | Organização do movimento | Estratégias e táticas do movimento | Presença do Estado |
| V.1 | Dizeres do movimento                              | 5,61%           | 5,61%                    | 29,91%                             | 33,65%             |
| V.2 | Dizeres do jornal PRÓ                             | 9,35%           | 6,54%                    | 47,66%                             | 42,99%             |
| V.3 | Dizeres do jornal CONTRA                          | 6,54%           | 11,22%                   | 61,68%                             | 71,03%             |
| V.4 | Dizeres dos grandes proprietários                 | 0%              | 0%                       | 3,74%                              | 1,87%              |

\* Os porcentagens são referentes a cada quadro em relação ao total dos 107 textos analisados (100%).

A utilização desse recurso tem como objetivo dar mais credibilidade — ou veracidade — à voz de quem tem a propriedade da terra. Se a Folha de S. Paulo publica todas as críticas dos grandes proprietários, fica explícita a posição de um dos lados do conflito. No entanto, ao assumir a responsabilidade pelas críticas, o jornal quer transmitir a idéia de que é a defesa do interesse coletivo que está sendo evidenciada. Este também é um dos reflexos da ideologia: dar uma aparência de legítimo, de justo, ao que é legal. Isso reforça o papel do Estado, acentuando a dominação de classe.

Também é fundamental o fato de os Blocos Estratégias e táticas do Movimento (B.3)

e Presença do Estado (B.4) apresentarem os maiores índices de referências. Isso significa que as questões estratégicas (neste caso, as ações diretas do MST, como as ocupações) e as ações diretas do Estado (repressão, ações judiciais, etc.) têm mais importância jornalística na visão do jornal. Essa concentração é uma das formas de satanização do MST.

Essa conclusão é referendada com a análise dos outros dados dos Blocos Estratégias e táticas do Movimento (B.3) e Presença do Estado (B.4). Também nas combinações com os outros Vetores podem ser constatados índices muito altos.

Isso aparece na intersecção dos Dizeres do jornal pró (favoráveis ao movimento) com os Blocos Estratégias e táticas do Movimento (V.2/B.3) — com 51 referências (47,66%) — e Presença do Estado (V.2/B.4) — 46 vezes (42,99%).

É o mesmo caso dos Dizeres do movimento ao serem confrontados com os Blocos Estratégias e táticas do Movimento (V.1/B.3) — onde há 32 referências (29,91%) — e Presença do Estado (V.1/B.4) — com 36 (33,65%). Tudo isso reforça a ênfase da Folha de S. Paulo nos Blocos B.3 e B.4. Não é o mesmo caso com as outras combinações, onde os índices são bem mais baixos (ver Tabelas 3 e 4).

Por outro lado, também é preciso analisar os números que aparecem quando o jornal apresenta os Dizeres do movimento (V.1) e os Dizeres do jornal pró (favoráveis ao movimento). Esses dados devem ser entendidos como um reforço à opção do jornal pelo lado mais sensacionalista.

Há uma escolha marcante da Folha pelos assuntos com ações do MST e as respostas do Estado. Portanto, a forma como o movimento se organiza e a própria questão da Reforma Agrária aparentam valor menor que as ocupações e a repressão judicial ou policial. O fato de as ações do movimento aparecerem mais vezes reforça a possibilidade de o jornal criticar o MST e também de mostrar e cobrar mais as respostas do Estado. Isso corrobora a afirmação de Baccega e Citelli (1989, p. 24): “quanto maior o grau de adensamento ideológico, mais articulados os recursos retóricos”.

Acrescentando a isso o fato de a *Folha de S. Paulo* ter chamado para si as críticas ao MST — substituindo a palavra do setor rural da classe dominante —, podemos concluir que o papel do jornal é a defesa dos interesses

ideológicos das elites brasileiras. No entanto, consideramos importante reforçar a pesquisa utilizando, de forma combinada, a Análise do Discurso para buscar no próprio texto das matérias os elementos para interpretação.

### Análise do discurso

O texto a seguir — Zeca do PT elogia FHC, prega ajuste e critica MST — merece ser analisado em detalhes. A começar pelo título, onde o jornal colocou vários elementos justapostos. Em primeiro lugar, quem é Zeca do PT, que faz elogios ao presidente da época (FHC), faz a defesa de ajustes (quais?) e ainda critica o MST? Trata-se do governador do Estado do Mato Grosso do Sul, José Orcírio dos Santos, o Zeca do PT, eleito em 1998 (depois reeleito em 2002) que é do Partido dos Trabalhadores (PT).

Outro governador de estado que elogiasse o presidente FHC não seria motivo para destaque. O fato de “pregar ajuste” é mais uma das fórmulas prontas e simplistas que a imprensa brasileira tem adotado (principalmente nos últimos anos). Como se fosse uma coisa óbvia, algumas expressões muito utilizadas por políticos são incorporadas pelo noticiário jornalístico<sup>10</sup>. Aquele “ajuste” do título aparece, de novo, no corpo do texto como sendo o “ajuste fiscal”.

Ainda no título, temos o “crítica o MST”, sem explicações. No entanto, a ligação direta (proposital) entre “Zeca do PT” e “crítica o MST” tem implicações mais sérias. Um governador de Estado, do PT, está fazendo críticas ao MST. É mais uma tentativa (da imprensa) de isolar o movimento.

O fato torna-se mais sério quando verificamos que no texto aparece a seguinte frase: “(...) e fez críticas indiretas ao MST, [grifo nosso] pelos métodos empregados para

<sup>10</sup> Comparando com o noticiário atual, uma das expressões mais usadas é: “as reformas necessárias”. Até os jornalistas repetem a frase como se fosse a vontade popular, ou mesmo a vontade de todos os brasileiros.

Uma das tais reformas é a trabalhista. Muito polêmica, a possibilidade de mudanças na legislação trabalhista brasileira é defendida por muitos parlamentares e pelo empresariado, mas é criticada por outros setores como sendo parte do projeto neoliberal para o país. O seu uso é corriqueiro na imprensa, sem maiores explicações, como se fosse realmente o “necessário” e o “melhor” para o “país crescer”.

reivindicar a desapropriação de fazendas”. Aqui há uma manipulação clara por parte do jornal: as tais “críticas indiretas” não aparecem na fala do governador, mas apenas na interpretação da *Folha de S. Paulo*.

É preciso ressaltar que apenas o que consta da matéria é analisado. Com base no texto, não é possível afirmar que Zeca do PT realmente fez as tais críticas. Isso configura a manipulação. É o que se pode deduzir a partir da frase final do texto: “(...) pregam, através do terror no campo, transformar a anti-reforma agrária na bandeira da rea-

ção”. Pelo fato de ser do PT (muitas vezes simpático ao MST) que, mesmo quando critica o movimento, não usa expressões tão fortes, é perfeitamente possível dizer que a crítica poderia não ser dirigida ao MST. Disso se depreende que — é possível — a crítica fosse dirigida “para o outro lado”, ou seja, aos grandes proprietários. Para reforçar essa conclusão temos as expressões, da frase do governador, “terror no campo”, “anti-reforma agrária” e “bandeira da reação” muito próximas (em sentido) de algumas usadas pelo próprio MST em outras ocasiões.

São Paulo, sábado, 09 de dezembro de 2000

Autor:

Editoria: PRIMEIRA PÁGINA. Página: A1

Edição: **Nacional** Dec 9, 2000

## **Zeca do PT elogia FHC, prega ajuste e critica MST**

O governador do Mato Grosso do Sul, Zeca do PT, elogiou o presidente Fernando Henrique Cardoso, defendeu o ajuste fiscal e fez crítica indireta ao MST, pelos métodos empregados para reivindicar a desapropriação de fazendas.

“Não tenho adjetivos para reconhecer tudo o que o senhor nos permitiu fazer”, disse o governador petista a FHC.

Para Zeca do PT, um assentamento no Estado será “modelo para acabar com o discurso dos que pregam, através do terror no campo, transformar a anti-reforma agrária na bandeira da reação”.

|     |                                                   | B.1             | B.2                      | B.3                                | B.4                |
|-----|---------------------------------------------------|-----------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------|
|     | <div> <div>BLOCOS</div> <div>VETORES</div> </div> | Reforma agrária | Organização do movimento | Estratégias e táticas do movimento | Presença do Estado |
| V.1 | Dizeres do movimento                              |                 |                          |                                    |                    |
| V.2 | Dizeres do jornal PRÓ                             | X               |                          |                                    | X                  |
| V.3 | Dizeres do jornal CONTRA                          |                 |                          | X                                  |                    |
| V.4 | Dizeres dos grandes proprietários                 |                 |                          |                                    |                    |

### Considerações finais

O resultado da investigação demonstra que o MST tem sido vítima de manipulação por parte da imprensa, que tem feito isso rotineiramente ao longo dos últimos vinte anos. E tem feito com conhecimento de causa, com objetivos claros de defesa da classe dominante, da qual os proprietários dos meios de comunicação fazem parte. Com base nos seus próprios interesses de classe, a grande imprensa produz um processo de manipulação que resulta na construção de uma “realidade” artificial.

No caso do MST — e de toda a história que o antecede —, a manipulação configura uma prática de jornalismo com desrespeito ao direito constitucional à informação e às normas da Ética dos jornalistas.

### Sobre o autor

*Ayoub Hanna Ayoub, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, Coordenador do Colegiado do Curso de Comunicação Social — Habilitação Jornalismo — da Universidade Estadual de Londrina.*

### Referências

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AYOUB, Ayoub Hanna. *Mídia e Movimentos Sociais: a satanização do MST na Folha de S. Paulo*. 2006. 169p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.
- BACCEGA, Maria Aparecida, e CITELLI, Adílson Odair. Retórica da Manipulação: os Sem-Terra nos jornais. *Revista Comunicações e Artes*. São Paulo (20): 23-29, abril 1989.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

FENAJ — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Fenaj Protesta Contra Satanização do MST pela Mídia. *Cadernos do CEAS*, nº 191, p. 91-92. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jan./fev. 2001.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de Massa, Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

KUSCHICK, Christa Liselote Berger. *Campos em Confronto: Jornalismo e Movimentos Sociais — As Relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) — Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/berger-christa-campos-0.html> — acessado em 29 de julho de 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.